

**Dez chamamentos ao amigo [completo]**

**Hilda Hilst**

Enviado por:

Publicado em : 03/10/2008 15:10:00

I

Se te pareço noturna e imperfeita  
Olha-me de novo.  
Porque esta noite  
Olhei-me a mim, como se tu me olhasses.  
E era como se a água  
Desejasse  
Escapar de sua casa que é o rio  
E deslizando apenas, nem tocar a margem.  
Te olhei. E há um tempo  
Entendo que sou terra. Há tanto tempo  
Espero  
Que o teu corpo de água mais fraterno  
Se estenda sobre o meu. Pastor e nauta  
Olha-me de novo. Com menos altivez.  
E mais atento.

II

Ama-me. É tempo ainda. Interroga-me.  
E eu te direi que o nosso tempo é agora.  
Esplêndida altivez, vasta ventura  
Porque é mais vasto o sonho que elabora  
Há tanto tempo sua própria tessitura.  
Ama-me. Embora eu te pareça  
Demasiado intensa. E de aspereza.  
E transitória se tu me repensas.

III

Se refazer o tempo, a mim, me fosse dado  
Faria do meu rosto de parábola  
Rede de mel, ofício de magia  
E naquela encantada livraria  
Onde os raros amigos me sorriam  
Onde a meus olhos eras torre e trigo  
Meu todo corajoso de Poesia  
Te tomava. Aventurança, amigo,  
Tão extremada e larga

E amavio contente o amor teria sido.

#### IV

Minha medida? Amor.  
E tua boca na minha  
Imerecida.  
Minha vergonha? O verso  
Ardente. E o meu rosto  
Reverso de quem sonha.  
Meu chamamento? Sagitário  
Ao meu lado  
Enlaçado ao Touro.  
Minha riqueza? Procura  
Obstinada, tua presença  
Em tudo: julho, agosto  
Zodíaco antevisto, página  
Ilustrada de revista  
Editorial, jornal  
Teia cindida.  
Em cada canto da Casa  
Evidência veemente  
Do teu rosto.

#### V

Nós dois passamos. E os amigos  
E toda minha seiva, meu suplício  
De jamais te ver, teu desamor também  
Há de passar. Sou apenas poeta  
E tu, lúcido, fazedor da palavra,  
Inconsentido, nítido  
Nós dois passamos porque assim é sempre.  
E singular e raro este tempo inventivo  
Circundando a palavra. Trevo escuro  
Desmemoriado, coincido e ardente  
No meu tempo de vida tão maduro.

#### VI

Foi Julho sim. E nunca mais esqueço.  
O ouro em mim, a palavra  
Irisada na minha boca  
A urgência de me dizer em amor  
Tatuada de memória e confiança.  
Setembro em enorme silêncio  
Distancia meu rosto. Te pergunto:  
De Julho em mim ainda te lembras?  
Disseram-me os amigos que Saturno

Se refaz este ano. E é tigre  
E é verdugo. E que os amantes  
Pensativos, glaciais  
Ficarão surdos ao canto comovido.  
E em sendo assim, amor,  
De que me adianta a mim, te dizer mais?

## VII

Sorriso quando penso  
Em que lugar da sala  
Guardarás o meu verso.  
Distanciado  
Dos teus livros políticos?  
Na primeira gaveta  
Mais próxima à janela?  
Tu sorris quando lêes  
Ou te cansas de ver  
Tamanha perdição  
Amorável centelha  
No meu rosto maduro?  
E te pareço bela  
Ou apenas te pareço  
Mais poeta talvez  
E menos séria?  
O que pensa o homem  
Do poeta? Que não há verdade  
Na minha embriaguez  
E que me preferes  
Amiga mais pacífica  
E menos aventura?  
Que é de todo impossível  
Guardar na tua sala  
Vestígio passional  
Da minha linguagem?  
Eu te pareço louca?  
Eu te pareço pura?  
Eu te pareço moça?  
Ou é mesmo verdade  
Que nunca me soubeste?

## VIII

De luas, desatino e aguaceiro  
Todas as noites que não foram tuas.  
Amigos e meninos de ternura  
Intocado meu rosto-pensamento  
Intocado meu corpo e tão mais triste  
Sempre à procura do teu corpo exato.

Livra-me de ti. Que eu reconstrua  
Meus pequenos amores. A ciência  
De me deixar amar  
Sem amargura. E que me dêem  
Enorme incoerência  
De desamar, amando. E te lembrando  
- Fazedor de desgosto -  
Que eu te esqueça.

IX

Esse poeta em mim sempre morrendo  
Se tenta repetir salmodiado:  
Como te conhecer, arquiteto do tempo  
Como saber de mim, sem te saber?  
Algidez do teu gesto, minha cegueira  
E o casto incendiado momento  
Se ao teu lado me vejo. As tardes  
Fiandeiras, as tardes que eu amava,  
Matéria de solidão, íntimas, claras  
Sofrem a sonolência de umas águas  
Como se um barco recusasse sempre  
A liquidez. Minhas tardes dilatadas  
Sobreexistindo apenas  
Porque à noite retomo minha verdade:  
teu contorno, teu rosto álgido sim  
E por isso, quem sabe, tão amado.

X

Não é apenas um vago, modulado sentimento  
O que me faz cantar enormemente  
A memória de nós. É mais. É como um sopro  
De fogo, é fraterno e leal, é ardoroso  
É como se a despedida se fizesse o gozo  
De saber  
Que há no teu todo e no meu, um espaço  
Oloroso, onde não vive o adeus.  
Não é apenas vaidade de querer  
Que aos cinqüenta  
Tua alma e teu corpo se enternecem  
Da graça, da justeza do poema. É mais.  
E por isso perdoa todo esse amor de mim  
E me perdoa de ti a indiferença.

\*\*\*\*\*